

“Who’s there?”: a Crise e a Repetição do *Eu* em Fernando Pessoa

Bartholomew Ryan

Bernardo: Who’s there?

Francisco: Nay, answer me. Stand and unfold yourself.

- Shakespeare, *Hamlet*

E eu, verdadeiramente eu, sou o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo; sou o nada em torno do qual este movimento gira, só para que gire, sem que esse centro exista senão porque todo o círculo o tem. Eu, verdadeiramente eu, sou o poço sem muros, mas com a viscosidade dos muros, o centro de tudo com o nada à roda.

- Bernardo Soares, *Livro do Desassossego* (Pessoa, 2012a: 263)

Introdução

É um enorme prazer participar neste Congresso Internacional sobre Fernando Pessoa. Peço desculpa pelo meu Português. É a primeira vez que apresento um paper em português numa conferência, mas, bom, há sempre uma primeira vez. E também normalmente não gosto de ler as minhas apresentações mas esta é a primeira vez em Português, então vou lê hoje.

Vou falar durante este curto tempo sobre a crise do sujeito ou a questão do *eu* e a repetição em Pessoa através das primeiras palavras de Shakespeare em *Hamlet*, que é uma pergunta, e também a frase que segue estas primeiras palavras. A peça de *Hamlet* começa com: “Who’s there?” Nay, answer me. Stand and unfold yourself.” “Who’s there?” está dito de Bernardo (um soldado ou guardador) que aponta para a questão da identidade do *Eu* e a questão de “Lugar” (“Quem está aí?”). Álvaro de Campos, de certa forma, responde a esta pergunta no seu pequeno ensaio intitulado “Ambiente” (publicado no jornal *Presença* em 1927) onde diz: “Estar é Ser” (Pessoa, 2012b: 234), ou seja, na tradução inglesa de que gosto de Richard Zenith: “Where we are is who we are” (Pessoa, 2001c: 200). A frase que segue é de outro guardador (Francisco) que diz: “Nay, answer me. Stand and unfold yourself.” Aqui temos a demanda por uma resposta e crucialmente um convite à comunicação através da aparência (“stand”) e da linguagem (“answer me”). Escolhi estas primeiras frases de *Hamlet* porque penso que são uma representação concisa da obra de Fernando Pessoa – na ideia de identidade, no fingimento na comunicação e no desdobramento ou repetição do *eu*. O universo de Pessoa desdobra-se pela “comunicação” e repetição. Por via desta exploração, o pensamento de subjetividade torna-se uma pluralidade, ou

como Pessoa escreveu famosamente num fragmento: “Sê plural como o universo!” (Pessoa, 2012b: 133); e vinte anos mais tarde em 1934, Campos declarou no fim dum poema: “E o meu coração é maior que o universo inteiro” (Pessoa, 2001a: 498). A outra razão de escolher estas primeiras palavras de Hamlet é porque a figura e obra de Shakespeare foi uma obsessão para Pessoa. Talvez possamos chamar a esta apresentação, em vez de “O Hamlet de Portugal”, “Os Fantasmas de Pessoa”, que são agora, hoje os nossos fantasmas.

Vou tentar então dizer três coisas sobre esta pergunta de Hamlet: *Who’s There?* A primeira, a resposta a esta questão é “Nada” que é tudo (“O mito é o nada que é tudo”, como disse Pessoa no poema “Ulisses” em *Mensagem*). Reintroduzo a expressão de Eduardo Lourenço “espião do Nada” (Lourenço, 2008: 201) - para mostrar uma maneira de superar a crise do *eu*. A segunda coisa, vou dizer brevemente algumas coisas sobre a comunicação como um paradoxo. E por fim, ao pensar sobre o “espião do nada” e a comunicação como paradoxo, o conceito de repetição torna-se o método e a única verdadeira evolução na viagem de Pessoa.

I. “Espião do Nada”

Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me soponho
E balido “Uh!” p’ra ouvir um eco
- Álvaro de Campos (Pessoa, 2001b: 533)



Voltando ao primeiro ponto que referi anteriormente: o “espião de nada”. O problema desta questão de “Who’s there?” é que o *eu* já não existe mais para a pessoa na modernidade. O paradoxo da modernidade é que os mais profundos exploradores ou navegadores do *eu* como Shakespeare, Goethe, Kierkegaard, Nietzsche, e Pessoa não encontram nada excepto um poço sem fim.

Para os filósofos Kant, Nietzsche e Schopenhauer (quem Pessoa tem interesse nos três), o homem é o ponto de observação do mundo, que volta ao *eu* mesmo¹. E ao mesmo tempo, eles sabem como Shakespeare em “o sonho de Bottom” de *A Midsummer’s Night’s Dream* que nada deve ser encontrado no

¹ Immanuel Kant já tinha avisado os investigadores do futuro do ensaio (*Anthropology from a Pragmatic Point of View*) para a nova disciplina da antropologia quando disse não devíamos fazer demasiado auto-observação. Nietzsche disse pelo contrario, mas ele sabia o perigo e portanto ficou “louco”. Nietzsche escreveu no seu livro *Human, All Too Human*: “Man is very well defended against himself, against being reconnoitred and besieged by himself, he is usually able to perceive of himself only his outer walls. The actual fortress is inaccessible, even invisible to him, unless his friends and enemies play the traitor and conduct him in by a secret path” (Nietzsche, 1996: 179-180). É interessante também ver a nota de rodapé de Arthur Schopenhauer em *The World as Will and Representation*: “Every individual is the subject of knowing, in other words, the supplementary condition of the possibility of the whole objective world, and, on the other, a particular phenomenon of the will, of that will which objectifies itself in each thing. But this double character of our inner being does not rest on a self-existent unity, otherwise it would be possible for us to be conscious of ourselves *in ourselves and independently of the objects of knowing and willing*. Now we simply cannot do this, but as soon as we enter into ourselves fully by directing our knowledge inwards, we lose ourselves in a bottomless void; we find ourselves like a hollow glass globe, from the emptiness of which a voice speaks. But the cause of this voice is not to be found in the globe, and since we want to comprehend ourselves, we grasp with a shudder nothing but a wavering and unstable phantom” (Schopenhauer, 1969: 278).

eu: “Man is but an ass, if he go about to expound this dream [...] it shall be called Bottom's Dream, because it hath no bottom”². Mas a glória está na tentativa de continuar procurando - daí a comunicação e a repetição serem os outros dois pontos deste paper.

Então, no final da fala de King Lear a Cordelia, ele declarou “And take upon's the mystery of things / As if we were God's spies”³. Desde a morte ou o desaparecimento de Deus no século vinte, indo mais longe do que King Lear ou Kierkegaard como “espiões de Deus”, Pessoa não tem nada, ou torna-se “o espião de nada”. Pessoa está a transformar a esfera religiosa em esfera subjetiva, exceto a esfera subjetiva também pode ser a esfera religiosa, e poesia é sempre uma forma de redenção, e o deus de Pessoa é a imaginação (estou agora a pensar sobre o mantra de poetas que Wallace Stevens quando exclamou: “We say God and the Imagination are one” (Stevens, 2010: 128⁴). Isto é a vocação do poeta. O poeta é um espião, e Pessoa é um exemplar desta posição. Sempre um poeta é um outro, ou seja, como Pessoa famosamente disse: “O poeta é um finidor” (Pessoa, 2006: 45); Álvaro de Campos disse: “Fingir é conhecer-se” (Pessoa, 2012b: 234); e assim Soares disse: “Fingir é amar” (Pessoa, 2012a: 262)⁵. Na resposta à pergunta “Quem está aí?” ou “Who's there?” na outra língua (e Pessoa sempre gostava de “other himself - queria dizer isto em Português como “outrar-se” [porque na qualquer maneira somos todos heterónimos]. esta dissolução do *eu* é a base do conhecimento. Como o “espião do Nada”, a existência poética de Pessoa é um sério jogo com as primeiras palavras da abertura de Hamlet mostrando que, se há qualquer hipótese de encontrar este *eu* evasivo como enquanto sujeito, teremos primeiro de perder esse *eu* na dissolução total do “eu enquanto sujeito” em busca desse “eu enquanto sujeito” – que não existe, ou seja, pelo menos nunca chegamos até a morte, que abre outra coleção de perguntas e enigmas.

Assim, Campos começa o poema *Tabacaria* com a fala: “Não sou nada. / Nunca serei nada”, mas ganha e vê o universo pela janela da imaginação; e

² *A Midsummer Night's Dream*, Act IV. Sc. i, 210-28. (see Shakespeare, 1966: 217).

³ *King Lear*, Act V, Sc. iii, 16-17 (Shakespeare, 1966: 1109).

⁴ No último poema de seu *Selected Poems* [1953] chamado “Final Soliloquy of the Interior Paramour”.

⁵ Note-se que todas essas entradas são escritas na segunda parte da sua vida - junho 1927, dezembro 1931, e novembro 1932 (e duas que foram publicados durante a vida de Pessoa).

assim Alberto Caeiro é o grande fingidor também do *eu* quando começa a sua obra-prima de quarenta e nove poemas - *O Guardador de Rebanhos*, e diz: “Eu nunca guardei rebanhos, / Mas é como se os guardasse”. Nota-se as primeiras duas palavras: “Eu” e “nunca” - aqui temos o nada do *eu* e a expressão do pastor abstracto. E com esta primeira frase de Caeiro, ele declarou que também ele está a fingir (“é como se”). O último da trindade de heterónimos, Ricardo Reis, disse finalmente no dia 13 de novembro de 1935 uma semana antes da morte de Pessoa: “Tenho mais almas que uma / Há mais eus do que eu mesmo”. Isto é o “espião de nada”. Octavio Paz disse excelentemente no seu ensaio sobre Pessoa “Sempre nós estamos olhando para nós mesmos. E se tivermos a sorte de nos encontrarmos - o sinal da criação - vamos descobrir que somos uma pessoa desconhecida” (Pessoa, 2006b: 8⁶). Neste fingimento do poeta na procura do *eu*, o modo de comunicação é uma grande forma de esconder mais do que revelar paradoxalmente. Algumas palavras sobre isto agora.

II. O Paradoxo da Comunicação

O pensador sem o paradoxo é como o amante sem paixão: um tipo medíocre.
- Johannes Climacus (Kierkegaard, 2012: 84)



José Sobral de Almada Negreiros, 1929.

⁶ Eu fiz a tradução da versão inglesa até português: “We are looking for ourselves. And if we are lucky enough to find ourselves - the sign of creation - we’ll discover that we are an unknown person.”

Eis-nos no segundo ponto: a comunicação é um paradoxo. As obras de Pessoa mostram isto perfeitamente. Como um poeta supremo, Pessoa sempre usa a verdade para contar mentiras e mentiras para dizer a verdade. Então, como o modernismo em geral, a obra de Pessoa é paradoxalmente a mais reveladora e evasiva ao mesmo tempo. E o século vinte é isto – está cheio de contrastes e extremos: individualismo disperso com nacionalismo monossilábico e puritano; e a necessidade de tornar tudo mais fácil na era da informação e tecnologia, bem como estando esta época repleta de obras literárias altamente complexas e elaboradas, por exemplo de James Joyce, Marcel Proust, Robert Musil, e Pessoa (e mais). E todas estas obras se concentram sobre o problema da identidade e do exploração e dissolução do *eu* em face do anonimato do mundo moderno. A crise da identidade torna-se uma crise da comunicação, mas também é uma explosão de criatividade nos modos de comunicação na literatura, e Pessoa, através de seu universo heteronomia e do *Livro de Desassossego* (que nunca propriamente existiu, ou seja, existe em várias formas), está na vanguarda desta comunicação paradoxal. Se pensarmos a afirmação de Lord Byron que “a verdade é sempre estranha / Mais estranha que a ficção” (“truth is always strange / Stranger than fiction” [Byron, 2000: 818]), então a genialidade problemática e controversa de Pessoa é que as suas obras parecem mais estranhas do que a realidade, só porque vão muito mais perto para apresentar a realidade do *eu* do que a grande parte da literatura anterior fez.

III. A Repetição do *Eu*

Outra vez te revejo
- Álvaro de Campos (Pessoa, 2001b: 301)



Caspar David Friedrich; *Two Men Contemplating the Moon*, ca. 1825-30.

Por fim gostaria de vos apresentar o terceiro ponto da minha comunicação: a Repetição e a Crise do *Eu*. Nesta investigação de “Who’s there?” em Pessoa, depois de “espião de Nada” e “o paradoxo de comunicação”, vou concluir com a repetição e a crise do *eu* aqui. Em *Alice in Wonderland* de Lewis Carroll⁷ a lagarta pergunta a Alice - “the looking-glass girl” - duas vezes “Who are you?” (Carroll, 2004: 46-47) - com ênfase no *you*. Acho que isto também é uma boa representação (mas sem mencionar de lugar) de minha apresentação sobre Pessoa aqui. A lagarta é um transformador, brevemente vai tornar-se uma borboleta (a borboleta que Caeiro gosta de mencionar⁸). A lagarta faz a pergunta sobre o *eu* e o problema de caráter e autoridade de uma pessoa. Também tem repetição em fazendo a questão duas vezes.

Pela via da pergunta de “Who’s there?” do guardador de *Hamlet*, e a “Who are you?” da lagarta de *Alice in Wonderland*, se experimenta o “vácuo dinâmico” (Pessoa, 2001b: 307) do *eu*, e, ao mesmo tempo, a sobrevivência do vácuo do *eu* é na repetição da pergunta e na tentativa repetida para responder

⁷ Lembrem que este nome da autor não é verdade. O seu nome é Charles Lutwidge Dodgson.

⁸ Por exemplo, veja o poema de Caeiro sobre a borboleta que começa: “Passa uma borboleta por diante de mim / E pela primeira vez no universo eu reparo / Que as borboletas não têm cor nem movimento.” (Pessoa, 2009: 76).

à mais evasiva das perguntas. Na derrota repetida de resolver a questão, Pessoa inventa o *eu*, explode o conceito do *eu*, que permite ambos: a pluralidade do *eu* e a liberdade para seu empreendimento poético. Então, não há “uma morte do sujeito” mas “a pluralidade do sujeito” e então aqui uma pluralidade do *eu*. O desejo de Pessoa é criar formas que captam um múltiplo *eu*, o *eu* como processo e não como produto. E para Pessoa, os seus heterónimos estão constantemente a falhar apanhar o *eu* completamente como sujeito, mas Pessoa descobre que, apenas na pluralidade do *eu*, se pode ter alguma possibilidade de explicar o *eu*.

“Lisbon Revisited (1926)” por exemplo é o poema quintessencial da repetição do *eu*: foi escrito três anos depois de “Lisbon Revisited (1923), com o dato no aniversário do suicídio de Mario de Sá-Carneiro, e é onde o poeta disse cinco vezes o mantra do poema: “Outra vez te revejo”. Campos aceita o poder transformador da repetição no fim do poema depois de escrevê-lo duas vezes - “Outra vez te revejo”, como seu eu, apesar de partido, ele destruiu o tédio da si próprio, e disse: “Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico” (Pessoa, 2001b: 302). O eu exilado e naufrago rompe a sua própria identidade e a visão da cidade de Lisboa, para renovar outra vez a forma poética e a cidade derrotada.

A repetição que se desdobra cria um renascimento contínuo no ser humano e traz a eternidade para o presente permitindo que o passado mantenha algum tipo de significado. Este é trazido para fora mais claramente no “não-livro” [non-book]⁹ – o *Livro do Desassossego* - isto é, a obra-prima que nunca verdadeiramente foi, ou um fantasma da aparente obra-prima escrita pelo fantasma de Pessoa, cuja realização suprema era tornar-se o “anti-Camões” e não o “super-Camões” - que o Jorge de Sena articulou tão sucintamente há cinquenta anos (Sena, 2000: 149). Eu chamaria esta posição ou transformação uma inversão de Camões. E a importância da famosa frase de Caeiro que Soares repete quatro vezes num parágrafo (Pessoa, 2012a: 84) – “Porque eu sou do tamanho do que vejo” - não pode ser subestimada em Caeiro, pois também afeta Reis, Campos, Soares e Pessoa de forma igual. A repetição da

⁹ Veja o subtítulo do capítulo sobre o *Livro do Desassossego* do livro *Adverse Genres em Fernando Pessoa* de K. David Jackson: “The Anti-Artist and the Non-Book” (Jackson, 2010: 161).

vida pode destruir-nos no seu tédio, faz-nos ficar cegos, ou levar-nos a ver de novo novas formas. Bernardo Soares expressa a opção final de forma sucinta: “Considerá-la cada vez de um modo diferente é renová-la, multiplicá-la por si mesma” (Pessoa, 2012a: 122).

Conclusão

Chegado aqui, em conclusão, “Who’s there” então? Temos viajado através dos fantasmas e das sombras de Pessoa como Caetano, Campos, Reis e Soares, através do espelho das primeiras palavras de Hamlet - a mais escorregadia ou enigmático das invenções literárias. A ação (quando se pensa sobre esta seção da congress- “Agir, eis a inteligência verdadeira” (Pessoa, 2012a: 136) em Pessoa é a imaginação sobre-ativa. Os espelhos da imaginação em Soares e Campos estão transformados em janelas da imaginação para Caetano para a possibilidade do *eu* ilusório para percorrer, em vez de afogar na sua própria reflexão¹⁰.

A bonita palavra alemã *Unterwegs* pode nos ajudar aqui na compreensão da resposta à pergunta do *eu* para o poeta “Who’s there?”. *Unterwegs* significa “no caminho”; nunca chegando lá, mas pelo menos o poeta está no caminho duma maneira como “o espião de nada”, no labirinto da comunicação, e através da repetição, transformação, e da re-invenção do *eu*.

Parafraseando a famosa frase do romântico Novalis (“Philosophie ist eigentlich Heimweh - Trieb überall zu Hause zu sein”¹¹), o eu de Pessoa viaja através da sua poesia, que é como uma saudade ou nostalgia (*Heimweh*) para um lugar que nunca existiu, e portanto a poesia do *eu* de Fernando Pessoa significa uma vontade de estar em casa (patria) em todos os lugares. E as primeiras duas frases de Hamlet contêm toda a obra dele- “Who’s there?” (a

¹⁰ Sobre o problema do espelho, veja este parágrafo do *Livro do Desassossego*: “Só na água dos rios e dos lagos ele podia fitar seu rosto. E a postura, mesmo, que tinha de tomar, era simbólica. Tinha de se curvar, de se baixar para cometer a ignomínia de se ver. O criador do espelho envenenou a alma humana” (Pessoa, 2012a: 414).

¹¹ Tr.: A filosofia é realmente saudade, uma vontade de estar em casa em todos os lugares. [Philosophy is really homesickness, an urge [Trieb- instinctual drive] to be at home everywhere (Novalis, 1997: 135)]

questão de identidade e lugar de *eu*) - “Nay” (o negativo) - “Answer me” (a demanda para o fantasma responder), “Stand” (mostra o teu lugar); e “unfold yourself” desdobrar ou a explicação via repetição, transformação e multiplicação, e ainda falhando e começando outra vez.



William Blake, *Hamlet and his Father's Ghost*, 1806

Bibliography

BYRON, Lord George Gordon (2000). *The Major Works*, ed. Jerome J. McGann, Oxford: Oxford University Press.

CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland & Through the Looking-Glass* (2004). London: Collectors Library.

JACKSON, K. David. *Adverse Genres in Fernando Pessoa* (2010). Oxford: Oxford University Press.

KANT, Emmanuel. *Antholopology from a Pragmatic Point of View* (2006). Tr. and ed. Robert B. Louden, Cambridge: Cambridge University Press.

KIERKEGAARD, Søren.

- . *A Repetição* (2009). tr. e ed. José Mirando Justo, Lisboa: Relógio D'Água.

- . *Migalhas Filosóficas* (2012), tr. e ed. José Mirando Justo, Lisboa: Relógio D'Água.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa: Rei da Nossa Baviera* (2008). Lisboa: Gradiva.

NIETZSCHE, Friedrich. *Human, All Too Human* (1996). Tr. R. J. Hollingdale, Cambridge: Cambridge Univeristy Press.

NOVALIS, *Philosophical Writings* (1997). Tr. and ed. Margaret Mahony Stoljar, Albany: State University of New York Press.

PESSOA, Fernando.

- *Livro de Desassossego* (2012a). Edição Richard Zenith, 10.^a edição, Lisboa: Assírio & Alvim.

- *Prosa de Álvaro de Campos* (2012b). Edição Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, Lisboa: Ática.

- *Teoria da Heteronímia* (2012c). Edição Fernando Cabral Martins & Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim.

- *The Book of Disquiet* (2001a). Edited and translated by Richard Zenith, London: Penguin Books.

- *Álvaro de Campos: Poesia* (2001b). Edição Teresa Rita Lopes, Assírio & Alvim.

- *The Selected Prose of Fernando Pessoa* (2001c). Ed. and tr. by Richard Zenith, Grove Press: New York.

- *Poesia 1931-1935* (2006a). Edição Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine, Lisboa: Assírio & Alvim.
- *A Pessoa Centenary* (2006b). Ed. Eugenio Lisboa & L. C: Taylor, Foreword by Octavio Paz, Manchester: Carcanet Press.
- *Alberto Caeiro: Poesia* (2009). Edição Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Assírio & Alvim.

SCHOPENHAUER, Arthur. *The World as Will and Representation* (1969). Tr. and ed. E.F.J. Payne, New York: Dover Publications.

SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (2000). Lisboa: Edições 70.

SHAKESPEARE, William. *The Complete Works* (1966). ed. Peter Alexander, London & Glasgow: Collins.

STEVENS, Wallace. *Selected Poems* (2010). London: Faber and Faber.